

# CONHECENDO O MUNDO NA ESCOLA: UMA INTERVENÇÃO COM A DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

MS. RENATA MARQUES RODRIGUES

Mestre em Educação Física (PPGEF/UFES)

Professora de Educação Física da rede de ensino municipal de Vila Velha/ES

Membro do grupo de dança parafolclórico Cia de dança Andora/UFES

**Resumo** | Apresenta uma experiência de intervenção com a dança nas aulas de Educação Física em instituição de educação infantil do município de Vila Velha/ES no ano de 2013, organizada em duas unidades: aproximação geral com a dança e apresentação de um ritmo específico, o frevo. Destaca ações de uma professora e das crianças, expressando a responsabilidade do educador/adulto em “apresentar o mundo” para as crianças, aqui, especificamente, o mundo da cultura corporal. Constituem aprendizados a história, passos e conceitos de dança, e contribui para afirmar a responsabilidade do professor e da escola como outro espaço possível de construção de conhecimento pela criança que permite diálogo/confronto com outros âmbitos sociais.

**Palavras-chave** | Dança; Educação Infantil; Cultura.

## INTRODUÇÃO

Este texto evidencia uma experiência de intervenção com a dança nas aulas de Educação Física em uma escola de educação infantil de Vila Velha/ES<sup>1</sup>, destacando uma possibilidade de apresentação do mundo da cultura corporal para as crianças.

1. Com o termo escola refiro-me a uma Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI), denominação das instituições que atendem a educação infantil no município citado. Esta unidade fica localizada na periferia da cidade de Vila Velha/ES e possui dez salas com turmas do Infantil 1 ao Infantil 5 (divisão por idade: O Infantil 1 são as crianças de um ano a dois; Infantil 2 crianças de dois a três anos; Infantil 3 de três a quatro anos; Infantil 4 de quatro a cinco anos e Infantil 5 as de cinco a seis). Na época, cada turma tinha duas aulas de Educação Física por semana (50 minutos cada).

A Educação Física, área que integra a base nacional comum na educação básica<sup>2</sup>, tem a possibilidade de levar conhecimento sobre diferentes práticas corporais, como danças, esportes, jogos, lutas e ginásticas<sup>3</sup> enquanto produções humanas que são, promovendo acesso e ampliando o acervo das crianças com relação a esta parte da cultura.

Isso reflete a importância de ampliação cultural pela Educação Física nas escolas no confronto com outros âmbitos sociais de (re)produção da cultura, por exemplo, a mídia, que possibilitam aproximação pelo ver e ouvir, enquanto nas aulas de Educação Física as crianças podem se aproximar dos elementos da cultura através da experimentação e vivência corporal, com suas sensações, emoções e maneiras de fazer. Nas aulas, é comum as crianças conhecerem pelo nome o conteúdo tematizado e apresentarem pré-conceitos sobre aquela prática, constituindo um conhecimento inicial sobre o qual os professores podem aprofundar o conteúdo. Estes pré-conceitos surgem das relações estabelecidas com o meio social em que vivem, por isso a importância da escola se constituir como outro espaço para construção do conhecimento, permitindo diálogo/confronto de concepções sobre determinada prática. Este processo carrega em si relações de conflito, mas também promove possibilidades, como destacam Sborquia e Neira (2008), de experimentar com o corpo formas de ação e gestos, o que permite ao indivíduo estabelecer relações com um grupo culturalmente constituído, participando de um coletivo.

Em uma experiência prévia com a capoeira (conteúdo que suscitou pré-conceitos), o estímulo inicial através da história desta prática, da ênfase nas lutas dos escravos e dos elementos corporais realizados através de brincadeiras<sup>4</sup> com o corpo em movimento, permitiram aproximação e

- 
2. Diretrizes Curriculares Nacionais, capítulo II – Formação básica comum e parte diversificada, artigo 14, parágrafo 1º.
  3. Pressuposto também destacado nos Parâmetros Curriculares Nacionais/Educação Física, 1997.
  4. O brincar constitui ação pedagógica na minha prática ao permitir experimentação corporal das crianças diante do conteúdo, como criação de piques para contar a história do congo ou uso do faz de conta para apresentar o frevo. Esta ação não deve caracterizar abandono pedagógico, como nos lembra Ayoub (2001), que é no contexto da brincadeira que aprendemos a realizar nosso papel.

experimentação das crianças, possibilitando posteriormente, discussões mais complexas.

Neste texto evidenciam-se ações possíveis da professora e das crianças na intervenção com a dança nas aulas de Educação Física e o compromisso do adulto/professor em possibilitar o acesso, a experimentação e a crítica diante do conhecimento de uma parte da cultura humana, sendo, neste caso, a cultura corporal e sua historicidade. Arendt (2011, p.223, grifos da autora) lembra que “[...] a essência da educação é a natalidade, o fato de que seres *nascem* para o mundo”. Este mundo já existente se organiza por uma teia de relações humanas, através da qual o novo é possível de ser construído. Sem conhecer o mundo, como seria possível reconstruí-lo, agir sobre ele? Para Arendt, o educador, que seria um representante de todos os adultos no espaço da escola, tem a responsabilidade de apresentar o mundo à criança, que construirá sua autonomia crítica nas interações mantidas com os adultos. Esta responsabilidade do professor em apresentar o mundo para a criança é tomada também como responsabilidade dos professores de Educação Física, como sugere Cardoso et al (2013), possibilitando a interferência/ações da criança sobre o universo das práticas corporais.

## **O PROJETO DE INTERVENÇÃO: ASPECTOS METODOLÓGICOS**

No ano de 2013 elaborei um projeto de intervenção<sup>5</sup> com o propósito de refletir e construir possibilidades pedagógicas com a dança para crianças nas aulas de Educação Física.

São comuns eventos pontuais com dança nas instituições de educação infantil, atrelados a datas comemorativas e mostras culturais, que podem promover experiência negativa com a dança para crianças menos hábeis, ao enfatizar a mecanização de gestos e repetições e obrigação do

---

5. Construído por mim e duas colegas, sendo as três professoras de Educação Física na educação infantil e dançarinas do grupo parafolclórico Cia de dança Andora/UFES, o que nos possibilitou experimentar as danças corporalmente e identificar possibilidades de ensino (cultura, passos, histórias, instrumentos, personagens, etc).

fazer sem compreender. Isso provoca distorção do conteúdo, minando as possibilidades de desenvolvimento do potencial criativo, ações e transformações dos sujeitos/crianças através da dança.

Abordar a dança como conteúdo sistematizado exigiu pensar sobre o desenvolvimento motor e formas de ação/interação das crianças com o professor e conhecimento. Por isso, organizamos três ciclos de experimentações: 1) Ciclo 1: crianças do Infantil 1 e 2 que evidenciam movimentos imprecisos e grandes descobertas sociocorporais; 2) Ciclo 2: crianças do Infantil 3 que evidenciam uso exagerado do corpo e início de sincronização de movimentos; 3) Ciclo 3: crianças do Infantil 4 e Infantil 5 que evidenciam aquisição de regularidade na execução de movimentos e diversificação das habilidades básicas. Realizamos adaptações metodológicas para cada ciclo.

A intervenção pautou-se em duas unidades: 1) Aproximações e sensibilização com a dança – visava aproximar e sensibilizar as crianças com o universo da dança; apresentar elementos da dança (peso, espaço, tempo e fluência) e criar movimentos individuais e em grupo. 2) Conhecendo o frevo - objetivava desenvolver um ritmo específico de dança, conhecendo sua história, elementos principais e experimentação da dança.

## **ORGANIZAÇÃO DAS AULAS E AS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS**

Dividimos a primeira unidade em 12 aulas<sup>6</sup> e buscamos em Marques (1997) nos aproximar dos conteúdos específicos da dança, enfatizando a improvisação e composição coreográfica.

As aulas sempre iniciavam com uma roda de conversa e a pergunta norteadora foi: “O que é dançar?”. Diante disso, as crianças do Ciclo 2 demonstravam movimentos variados com o corpo e as crianças do Ciclo 3 expressavam verbalmente: “dançar é movimentar o corpo” e

---

6. 1. Sensibilização e exploração/2. Baile de máscaras/3. Criação de movimentos/4. Danças individuais, duplas e improvisação/5 e 6. Danças em grupo/7. Planos Baixo, médio e alto/8 e 9. Peso, espaços e fluência/10. Instrumentos musicais/11. Banda e grupo/12. Finalização

“sair do chão”. Isso envolve criação de conceitos a partir de outros espaços sociais e expressão das crianças, exigindo atenção do professor e reafirmando possibilidades do trabalho pedagógico em ampliar estas noções. A escuta musical provocou associações das crianças: música clássica com a bailarina e princesas das histórias infantis; no forró, algumas crianças espontaneamente formavam duplas; no rock a simulação da guitarra foi predominante e a falta de conhecimento sobre alguns ritmos também foi evidenciada.

Com o Ciclo 1 a base do trabalho foi explorar (materiais e o corpo), característica enfatizada no RCNEI para o trabalho com o movimento nesta faixa etária. O “brincar junto” com o adulto ampliava a exploração destas crianças e constitui forma inicial de apresentação do mundo para crianças menores através da representação e imitação, ampliando os sentidos para a professora e crianças. A compreensão rítmica também foi um aprendizado de destaque, pois demandava concentração e percepção das relações entre o ritmo e o movimento. Para desenvolvê-la utilizei bastões de madeira, criando sons e as crianças faziam paradas e movimentos em cada tempo musical proposto. Quando ouviam diferentes ritmos musicais realizavam movimentos novos de acordo com cada sonoridade. A utilização de faz de conta e músicas conhecidas foram estratégias para apresentar o conteúdo, como na aula de planos da dança<sup>7</sup> onde a associação com “jacaré” (plano baixo), “peixe” (plano médio) e “gigante” (plano alto) ampliavam a participação.

Com o Ciclo 2 destaco as relações de gênero, pois nesta idade as crianças não evidenciavam diferenciação entre movimentos de meninos e meninas nem problemas para dançar junto, além do grande interesse pela atividade musical.

Com Ciclo 3 afirmaram-se conceitos: diferenças dos planos da dança, dos desenhos coreográficos, das possibilidades de movimento com cada parte do corpo, dos passos específicos de cada ritmo etc, e também houve uma diferenciação maior entre meninos e meninas.

---

7. Explorava relações entre corpo, espaço e movimentos, destacando que ao se movimentar pelo espaço era possível criar mais movimentos.

Alguns meninos se negavam a dançar com outro menino, afirmando que não era “coisa para homem fazer”. Dar a mão em dupla se tornava um grande desafio, mesmo que em roda coletiva fizessem isso. Ou seja, somente o fato de se aproximar de um parceiro causava estranhamento. Isso envolve relações de gênero, temática complexa que demanda trabalho intenso e coletivo na escola. Nesta experiência o estímulo dado, através de conversas, vídeos com meninos dançando e brincadeiras, contribuiu para ampliar a participação nas atividades.

A metodologia adotada para o trabalho com a dança foi a utilização e criação de brincadeiras que ampliavam a participação das crianças e desenvolviam aprendizados de forma lúdica. Brincadeiras como “O baile de máscaras” possibilitavam às crianças se transformarem em personagens, o que deu mais liberdade de movimento. Também teve destaque o “Circuito de criação de movimentos”, onde as crianças saltavam, giravam e caminhavam ao som de músicas variadas, ampliando a fluência ao conectar um movimento ao outro e a criatividade, pois era estimulado mudança dos movimentos criados. “O mestre do movimento”, que proporcionou a cada um ser o mestre, estimulando a criação de movimentos, e ao seguidor a trabalhar em sincronia e atenção com a observação e imitação.

Na unidade 2 escolhemos o frevo como ritmo específico do trabalho devido ao dinamismo desta dança e pela presença da sombrinha, elemento concreto que estimula a participação. Sborquia e Neira (2008) apontam a escola como uma das instituições responsáveis pela socialização do patrimônio cultural e os pensamentos de Arendt (2011) destacam que a importância em retomar este patrimônio através da educação reside na possibilidade de ação que vai sendo compreendida e constituída nos sujeitos. Para a autora, a educação envolve sujeitos que estão em posição de desigualdade diante do mundo, assim, o lugar ocupado pelos adultos e pelas crianças se difere e é nesta relação que a criança (ser humano em formação) poderá apreender o vivido e atuar sobre o mundo. O que está colocado é que através da educação é possível um processo de transição do mundo privado (familiar e escolar) para o mundo público, no qual ela seja capaz de agir e transformar. A escola é o espaço de transição entre estes mundos, pois de certa forma ela representa o mundo em que vivemos.

Lembro que a escola apresenta somente uma parte do mundo, através de seleção de conhecimentos no currículo. Esta escolha envolve relações sociais de poder, nas quais a indústria do entretenimento e da diversão ocupam lugar de destaque no mundo de hoje. Arendt (2011) reflete sobre uma sociedade de massas, evidenciando que nela a cultura não é necessária, mas sim a diversão, que demanda um consumo rápido de objetos culturais, causando destruição dos mesmos, pois para atender aos objetivos do entretenimento o material cultural escolhido sofre alterações, o que pode levar ao trabalho acrítico na escola, somente reproduzindo aquilo que se vê na mídia. A escolha pelas danças populares nesta intervenção reflete um posicionamento da professora diante da seleção de conteúdos ao entender que as danças populares na escola podem contribuir com: discussão sobre a cultura de um povo em determinada época; o dançar coletivo; a recriação de movimentos e compreensão dos significados dos mesmos; uma experiência estética com a dança diferente daquelas que assistem na tv.

As aulas foram organizadas em três momentos: a) conhecendo o frevo; b) passos básicos; e c) diálogo entre pinturas de Romero Britto e dança.

A apresentação inicial se deu com a apreciação de imagens e vídeos<sup>8</sup> de Pernambuco, do frevo e da região nordeste do Brasil, provocando encantamento das crianças diante da rapidez dos passos e acrobacias dos dançarinos. Lancei questões sobre os vídeos: “como são as roupas?”; “é uma dança lenta ou rápida?”; “tem algum instrumento?”; “alguém sabe me mostrar como eles dançavam?”. As crianças, a partir de 3 anos, tentavam responder e levantavam para evidenciar movimentos observados, expressando detalhes de movimentos e afirmavam que era uma dança na qual os pés não paravam de se mexer. Diante dessa percepção inicial construí uma estratégia de ensino com encenações e associações para contar história do frevo, destacando a festa de carnaval, a capoeira e as sombrinhas. A palavra frevo é originária de ferver, assim, através de

---

8. Utilizei dois vídeos didáticos e três vídeos com coreografias de crianças.

associação com a água/leite que os adultos fervem para fazer comida e da multidão do carnaval, as crianças iam entendendo que os pés sempre se movimentavam, pois “o chão estava muito quente e tinham que ter cuidado para não queimar o pé”. Isso foi levado pelas crianças até o fim do processo, refletindo a produção de sentidos. É necessário ter cuidado para não ocorrer distorção do conhecimento, mas não podemos negar a necessidade de organizar formas de aproximação do conteúdo para crianças. Esta simulação inicial transformou-se em movimento base para o aprendizado dos passos do frevo, pois as crianças continuavam movendo os pés, mas iam ampliando os movimentos, marcando ponta e calcanhar no chão, com pernas flexionadas, realizando cada movimento proposto.

Mais uma vez as brincadeiras (“Estátua”, bambolês, piques etc) foram base para o aprendizado dos passos básicos, assim como a capacidade de imaginação que se refletia na movimentação corporal. Após a experimentação individual, entrava em cena a movimentação com a sombrinha<sup>9</sup>, demandando outras associações de movimentos.

O uso da sombrinha foi crucial, por isso construímos sombrinhas de frevo com material reciclável (garrafas pet, fitilho, bastões de madeira e papel de revista) para que cada criança tivesse a oportunidade de manipular o material. Esta ação evidencia alternativas “solitárias” dos educadores para apresentar a cultura de maneira concreta aos alunos, diante das dificuldades encontradas pelas escolas: falta de material e dificuldades de transporte para conhecer espaços e pessoas que (re)criam a cultura. Isso é importante, pois aponta que a materialidade da cultura (através dos seus passos, músicas, materiais etc) é externa à escola, e para que a abertura para o mundo pela escola e a apresentação dele aos alunos seja possível, é preciso meios para que isso aconteça efetivamente. Aqui reside a necessidade do poder público em incentivar e dar o suporte necessário para que as escolas desenvolvam o trabalho de maneira efetiva.

---

9. Utilizei quatro sombrinhas de frevo do grupo de dança do qual faço parte. É interessante esta possibilidade de empréstimo, mas destaco a importância e necessidade das escolas/prefeituras/governos oferecerem estes materiais pedagógicos para escola, constituindo acervo próprio.



Ainda assim, o uso da sombrinha “reciclada” com as crianças do ciclo 1 possibilitou a experimentação de variados movimentos: girando, subindo e descendo, para frente e para trás, parado, em movimento, ao som do frevo, ampliando o acervo motor e apropriação do conteúdo.

Com esta intervenção houve desafios motores, contato com uma diferente cultura e capacidade de ação sobre o universo da dança.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Oportunizar construção de conhecimento pelas crianças na educação infantil através de atividades pedagógicas organizadas é tarefa de todo professor inserido neste contexto educativo e é uma responsabilidade que visa uma emancipação (futura) no diálogo/enfrentamento com outras concepções construídas a partir de outras instituições sociais, como família e mídia, por exemplo.

Michel de Certeau (2012) alerta que o poder cultural está inserido em diferentes espaços, como mídia, publicidade e cultura de massa, por isso a escola não é mais a única detentora deste poder. Ocorre uma invasão cultural pela televisão nos espaços domésticos, fazendo com que os sujeitos construam relações com a cultura que estão presentes ao entrar na escola. Assim, Certeau evidencia outro papel a ser desempenhado pela escola que é o de “controlar” estas informações no sentido de lidar com os espaços culturais externos à escola e aprender/construir outros modos de utilizar, de lidar com estas informações. Desta forma, entendo que o autor exprime uma ação positiva para a escola em sua relação com a cultura nesta nova conjuntura social, ao possibilitar que se constitua nesta instituição um núcleo crítico diante das informações vindas de outros espaços. Nesta intervenção algumas ações para confronto de informações foram evidenciadas e um aprendizado indireto pelas famílias, quando em casa a criança ensinava o que aprendia na aula de Educação Física, retratando influências do ensino na escola para espaços externos a ele.

Enquanto professora, permaneço inspirada a trabalhar as manifestações populares na educação infantil diante dos aprendizados e ações

das crianças ao se aproximar deste conteúdo e instigada a conhecer, cada vez mais, o nosso mundo para apresentá-lo às crianças, que muitas vezes, diante de experiências empobrecidas ou repetitivas, tornam-se alheias aos processos sociais e ao direito de aprender e atuar como sujeito.

Dança, sorrisos, movimentos, expressões, ações, questionamentos, aprendizado refletem que o passo inicial de apresentar a dança, como parte da cultura corporal, foi dado.

## REFERÊNCIAS

- ARENDDT, H. **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- AYOUB, E. Reflexões sobre a Educação Física na Educação Infantil. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo: supl. 4, 2001.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CARDOSO, V. N.; RICHTER, A. C.; VAZ, A.F.; BASSANI, J. J. A brincadeira: eixo pedagógico da educação infantil e abordagens na Educação Física. **Poiesis Pedagógica**, v. 11, 2013.
- CERTEAU, M. de. **A cultura no plural**. 7 ed. SP: Papirus, 2012.
- MARQUES, I.A. **Dançando na escola**. MOTRIZ - Volume 3, Número 1, Junho/1997. Disponível em: <http://www.esefap.edu.br/downloads/biblioteca/dancando-na-escola-1254151985.pdf> Acesso em: 05 de outubro de 2014.
- MELLO, A. da S. **Comportamento Motor**. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e à Distância, 2010.
- SBORQUIA, S.P.; NEIRA, M.G. **As Danças Folclóricas e Populares no Currículo da Educação Física: possibilidades e desafios**. Motrivivência Ano XX, Nº 31, P. 79-98 Dez./2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/viewFile/2175-8042.2008n31p79/12957>. Acesso: 05 de outubro de 2014.

**Recebido: 10 novembro 2014**  
**Aprovado: 11 fevereiro 2015**  
**Endereço para correspondência:**  
**Renata Marques Rodrigues**  
**Alameda das Orquídeas, nº 22**  
**Valparaíso**  
**Serra – ES**  
**CEP:29165-786**  
**renata.m.rodrigues@hotmail.com**